



Corpos castos, sangues profanos: mulher, menstruação e medicina na américa portuguesa do século XVIII

Gessica de Brito Bueno¹
Christian Fausto Moraes dos Santos²
Eduardo Mangolim Brandani da Silva³

Resumo

O conceito de ciclo menstrual foi se construindo, ao longo dos séculos, e incorporando significados concebidos a partir do imaginário social e religioso. Foi objeto de censura e, muitas vezes, de medo nos meandros da sociedade mineira na América portuguesa do século XVIII. Esse tema recebeu atenção no manual de medicina setecentista Erário mineral (1735) do cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira, que aborda o assunto e descreve como se deve tratar essas alterações fisiológicas. Deste modo, propõe-se, enquanto projeto de pesquisa, compreender como a medicina estava organizada no setecentos, qual o paradigma médico dominante nas academias e em quais teorias os praticantes da colônia mineira se pautavam, pretendendo, também, assinalar as manifestações do útero que moldaram a desqualificação/inferiorização das mulheres. A metodologia adotada pela pesquisa é a descritiva, onde se procurou fazer um levantamento das descrições sobre a menstruação e as consequências do contato com esse sangue, bem como, a explicativa, examinando as descrições para apreender o conceito de menstruação no setecentos, quanto compreender as relações que situam o sangue menstrual com doenças patológicas, físicas e mentais. A pesquisa concluiu até o momento que a Teoria Humoral HipocráticoGalênica foi o paradigma médico dominante desde o século V a.C até a primeira metade do século XVIII, onde os manuais de medicina que circulavam na colônia mineira na América Portuguesa, trabalham as doenças com base nessa teoria, bem como, devido ao complexo contexto do setecentos, no que tange aos campos de conhecimento que buscavam explicar a saúde e a doença, havia diversos personagens na colônia que atuavam na terapêutica, tais como poucos médicos, muitos cirurgiões, boticários e atuantes na ilegalidade, como curandeiros, benzedeiros e parteiras. A medicina portuguesa baseada nos princípios hipocráticos enquadrando a menstruação feminina na teoria, a enxergando como uma catarse, um fluído venenoso que se formava todo mês em seu útero e necessitava ser evacuado, a mulher era vista como uma doente desde seu nascimento por sua fisiologia, o mesmo fluído causava-lhe doenças físicas, incluindo diversos sintomas como dor e epilepsia, até as mentais como histeria e desordens mentais.

Palavras-chave: Menstruação; Medicina; Século XVIII.

¹ Graduada em Artes Visuais, graduanda em História-UEM.

² Graduação: História/UEM; Mestrado: Geografia/UEM; Doutorado: História das Ciências da Saúde/FIOCRUZ; Pós-doutorado: UFMG; Pós-doutorado: CSIC, Espanha; Matrícula: 71595; Cargo: AS2 PROF. ASSOCIADO TIDE N.B.

³ Graduado em História-UEM e Mestrando em História na UEM.

Ao se considerar que o período setecentista foi, particularmente, ambientado por diversas “ciências”, permeado por diferentes discussões acerca da vida e da saúde, onde, tanto líderes religiosos, doutores, quanto a população buscavam depositar sua crença em teorias que pudessem reger suas vidas, é possível aferir sobre o quanto o conceito de medicina naquele contexto estava confuso (Coelho 2002: 168). Ao assinalar tal configuração, retomar períodos anteriores darão margem para apontar alguns cenários que contribuíram para que tal medicina se encontrasse tal qual como estava, agindo de modo a interpretar a menstruação como excremento venenoso.

É intrigante perceber que o aspecto mais significativo da confusão no propósito do acolhimento nos chamados “edifícios para abrigar” estava na ausência de distinção entre o que seria um hospital, uma albergueria ou um manicômio, pois quando essas instituições foram surgindo no contexto medievo era difícil estabelecer uma separação já que muitas vezes um fazia o trabalho do outro envolvidos num mesmo espaço. Eram abrigadas desde pessoas com doenças físicas, mentais, crianças abandonadas,⁴ mulheres que buscavam assistência, como também peregrinos em busca de abrigo em sua caminhada pelas cruzadas (Labarge 1996). Assim, eram “simultaneamente uma e outra coisa” (Sá 1996: 88).

A reputada medicina da antiguidade anunciou em seu tempo um médico grego chamado Hipócrates⁵, que seria considerado mais tarde o pai da medicina, transpondo para períodos posteriores seus princípios terapêuticos como cerne para o estudo e tratamento de doenças (Coelho 2002: 156). É importante ressaltar que os escritos de Hipócrates podem ter sido reformulados por outros médicos, um exemplo é Pólibo, seu discípulo e genro, que seria o responsável pelo tratado *Da natureza do homem*, no qual os primeiros parágrafos tratam da teoria humoral de Hipócrates (Cairus 1999). A partir dessa conceituação dos humores, ainda nesse tratado, há o estabelecimento da relação entre os quatro humores e as quatro estações

⁴ Na porta desses “edifícios para abrigar” recém-nascidos e órfãos eram abandonados, ficavam no interior desse espaço até completarem sete anos de idade. Muitos permaneciam no mesmo local que os doentes, dessa forma, morriam por infecções e falta de ventilação, o registro de mortalidade do período indica que faleciam de 50 a 60 bebês por ano (Labarge 1996: 237).

⁵ O médico e filósofo grego Hipócrates nasceu em Cós em 460 a. C. e morreu em Larissa, aos 85 anos de idade. Seus métodos de observação, sua certeza de não haver nada de sobrenatural na causa das doenças e sua escola os tornaram, ao ser relido, exemplo do bom exercício da medicina. (Coelho 2002: 810).

do ano⁶ (Miranda 2017). De todo modo, essa teoria e método de observação foi assimilado por Galeno⁷ que incorporaria seu esquema dos humores e dos temperamentos, aperfeiçoando a técnica de sua *teoria humoral*, e, sobretudo, no contexto mediévico, ampliados pelo conhecimento árabe, o mais conhecido foi o polímata Avicena⁸, autor do *Cânon de Medicina* (Miranda 2002).

Essa construção do saber no campo da medicina envolvia, para além disso, uma mistura de saberes que abarcavam outras esferas, e essas tinham o mesmo peso de legitimidade que os *Tratados médicos* produzidos pelos letrados do período, ademais, posteriormente, no século XVIII, a presença de manuais de medicina⁹ instrucionais seriam constantes no interior da malha social e psicológica na colônia mineira (Abreu 2011: 14), servindo-se de consulta tanto pelos médicos quanto pelo público leigo, sendo manuseado com a finalidade de instrução da vida, sobretudo da saúde. Em suma, se na Idade Média “a prática astrológica não é integralmente condenada, apenas quando utilizada de acordo com os “matemáticos”, os *magi* do oriente, que praticavam as previsões do futuro através do posicionamento dos astros” (Andrade 2017: 335), no período setecentista, uma dessas esferas do saber seria os almanaques que eram chamados *Lunários Perpétuos*¹⁰.

⁶ No tratado *Da natureza do homem* escrito por Pólibo, onde os primeiros parágrafos tratam da teoria humoral de Hipócrates, observa-se que há um estabelecimento da relação entre a teoria dos humores e as quatro estações do ano, os humores corporais agiriam como as estações, onde as doenças que aumentam no inverno esmorecem no verão e as que surgem na primavera desaparecem no outono (Miranda 2017).

⁷ Maior médico grego, depois de Hipócrates, Galeno nasceu em Pérgamo em 130 e viveu até o ano de 201. Escreveu mais de 500 obras. Dominou o pensamento médico durante quinze séculos. Suas idéias foram aceitas pelos cristãos e pelos maometanos por causa do seu monoteísmo. Grande observador, dissecador de animais, médico de gladiadores, foi um grande sábio, mas o fato de nunca ter sido questionado, até surgir Vesálio, impediu o avanço da medicina (Coelho 2002: 809).

⁸ Abu-Ali al Husain (980-1037) era natural de Bocara, na Pérsia. Médico, astrônomo, matemático e enciclopedista, foi menino prodígio, sabendo de cor o Alcorão aos 10 anos de idade. De sua imensa obra, dez livros são consagrados à medicina. (Coelho 2002: 807).

⁹ Ao tratar de textos médicos circunstanciados no século XVIII em Portugal e no Brasil, é necessário dividi-los em, pelo menos, dois grupos. O primeiro grupo é produzido por cirurgiões e médicos que tratam os temas de forma histórica e teórica, podendo ser considerados tratados médicos ou tratados de medicina. O segundo grupo recebe a designação de manuais, onde sua produção direciona-se a um público mais amplo, não necessariamente acadêmico, com funções mais práticas. Desse modo, a diferença entre esses dois textos está em sua estrutura interna e o acesso a determinado público. (Abreu 2011: 10).

¹⁰ *O Lunário e prognóstico perpétuo* composto pelo matemático e astrônomo Jerônimo Cortês Valenciano constituiu um cabedal de informações, utilizando-se tanto de ensinamentos da Bíblia Sagrada quanto de conhecimentos de astrônomos, médicos, filósofos, professores, papas e, uma figura essencial, o médico Hipócrates. É essencial observar pois, que o *lunário* articulava o entendimento sobre as fases da vida com o clima e a temperatura (Figueirêdo 2014: 29).

Esses *Lunários* exerciam um papel salutar na condução da vida dos indivíduos na colônia mineira, seus diagnósticos eram como uma sentença quase definitiva. Seguindo fenômenos da própria natureza, ensinavam minuciosamente o que são as ciências complicadas dos astros, [...], regras para conhecer as horas do dia e da noite, remédios estupefacientes para alguma moléstia nos humanos, nos animais e nas lavouras. Tais almanaques foram frequentemente consultados pelos padres, servindo como auxílio em seus ensinamentos para ressaltar o que cabia a Deus e o que cabia ao homem. Eram, verdadeiramente, horóscopos populares tidos como infalíveis. Destarte, é fato significativo quando o corpo clerical ao mesmo tempo que absorvia essas credences e crônicas populares em seus ensinamentos, se afastava dessas mesmas leituras e práticas em busca de um conhecimento erudito e religioso impenetrado de superstições (Figueirêdo 2014: 26).

No Brasil muitos são os *lunários* listados desde o início do século XVIII, pontuando a respeito da sobrevivência dos humanos e dos animais na colônia, bem como, da agricultura e a permanência da fé religiosa que orientava previsões acerca do clima e a educação das crianças, um manual de caráter autoinstrutivo (Medeiros 2015). Há uma cosmologia própria dentro das colônias, e essa era uma das formas como eles organizavam a sua realidade em suas mentes e expressavam em seu comportamento, a vida comum deles exigia uma estratégia, se utilizavam do material que sua cultura oferecia e trabalhavam a partir de suas histórias e cerimônias (Darnton 2011: 14), absorvendo a ciência empírica dos astrônomos e repercutindo por meio da cultura da oralidade. Os *lunários*, eram, assim, altamente utilizados também pelos senhores de engenho que estudavam o clima e a meteorologia a fim de prever chuvas com interesse voltado para a agricultura em geral.

Tal como havia a presença de manuais de medicina e Lunários, foi recorrente o uso de *manuais de exorcismo*, sob os domínios da religião, assinalando que, embora condenassem, também, as “artes associadas a sortilégios e ao demônio, como eram a hidromancia, a aeromancia, piromancia e a necromancia” (Abreu 2011: 100), utilizavam-se de substâncias parecidas, senão as mesmas, para o ato de exorcizar, como é o caso dos amuletos, esses religiosos alegavam que as curandeiras mexiam com magia, ao passo que o feitiço realizado por elas resultaria nas moléstias e doenças, e que por isso nenhum remédio se valeria para curar, senão pelo exorcismo (Medeiros 2015). Ressalta-se que essas ciências que buscavam curar e prever o futuro por meio do contato com a natureza, indica como esses indivíduos pautavam-se nos quatro elementos naturais para encontrar respostas sobre a vida e doenças,

de modo que é possível perceber o diálogo de métodos entre a ciência hipocrática-galênica e as outras “ciências” por meio dessas crenças.

Essa aglomeração de campos de interpretação acerca da vida, da natureza e do corpo culmina numa gama de percepções e experiências inseridos no interior desses tratados médicos onde o corpo é visto como um microcosmo¹¹, sobretudo no século XVIII, “marcado pela influência da religião, da astrologia e da magia” (Abreu 2011: 14). De fato, o saber popular continha essa variedade de práticas há séculos, “mantendo a crença na magia, nos poderes ocultos, nas cirurgias espirituais, no curandeirismo, na urinoterapia [...]” (Coelho 2002: 168).

Nesse adensado de práticas, a terapêutica africana, ao mesmo tempo, contribuiu para resolver problemas médicos lusos no século XVIII com seus produtos da África Centro-Ocidental, há registros de que um dos conhecidos viajantes responsáveis por recolher informações sobre os produtos naturais foi Joaquim José da Silva que “passou por Ambaca e prospectou plantas medicinais úteis, que possivelmente poderiam ser do conhecimento do Físico-mor da 1ª Escola Médica de Angola de 1791” (Fagundes 2017: 3), considerando que essas plantas alcançaram outras extensões do Império como o Novo Mundo e a região de Minas Gerais. Dessa forma, utilizaram dessa “bioprospecção da África” (Fagundes 2017: 3) para produzirem sua farmacopeia europeia.

Embora submetidos aos tratamentos galênicos praticados pelos jesuítas, os conhecimentos advindos dos ameríndios também contribuíram nessa composição farmacêutica, “[...] as cerimônias de cura indígenas, [...]” estavam “apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira” (Del Priore 2004: 89). Dessa maneira

Tanto na medicina informal como na medicina erudita, as referências a plantas são uma forma de agressão ao mal, à doença, que se submete, assim, à vontade da oficiante. Atacando a enfermidade com a invocação do nome de certas plantas consideradas mágicas, as curandeiras davam ao ritual de cura uma dimensão real que era diretamente percebida pela vítima [...] (Del Priore 2004: 90).

¹¹ A concepção do corpo microcosmo presente na medicina portuguesa no século XVIII tinha sua base na tradição astrológica, filosófica, mágica, alquimista e médica. O conhecimento tinha por base fazer analogias entre o corpo humano e os astros, de modo que os planetas tinham domínio sobre os temperamentos e órgãos do corpo, devendo o médico estudar os astros para alcançar a compreensão sobre o homem. (Abreu 2011: 56- 57).

Essas curandeiras que não possuíam diploma invocavam suas orações convertendo seus pacientes em seres vulneráveis a qualquer fenômeno ou modificação climatérica, uma vez que a percepção coletiva estava em conformidade em considerar a doença como um castigo de Deus. Elas faziam suas orações e uso de ervas consideradas mágicas para afastar a doença e o mau, praticavam suas curas no interior das vilas onde eram procuradas, pois havia uma enorme escassez de médicos na região (Pimenta 1998).

Não obstante, ainda que comungassem diversas práticas nas colônias, no discurso oficial médico¹² toda medicina informal era refutada, envolvendo físicos, cirurgiões e padres numa busca por enquadrar-se na teoria da *Discrasia humoral*¹³ na cura desses nativos. É possível verificar em cartas do jesuíta José de Anchieta que sangrias¹⁴ eram ministradas por ele para tratar indígenas que estavam enfermos, essa prática foi definida pelos castelhanos de *albeitar*, tratando-se de um profissional veterinário, naquele momento, o médico dos índios (Leite 2011).

Há de se reconhecer, então, que em meio a formação dessa medicina setecentista, a igreja tentava, em vão, substituir esses hábitos e práxis populares por uma terapêutica aristotélica, e, além disso, eram imbricadas por uma manifestação de fervor religioso, tentando combater as doenças por meio de sua própria doutrina, com uso de santos, lembrando os fiéis de que Deus não ensinada por meio de superstições e crendices, para isso fazia uso de parábolas consideradas didáticas e legítimas. Elucida-se, dessa forma, um cenário em que somente médicos e religiosos, ou seja, uma comunidade pequena e seleta, poderia se

¹² Segundo a definição do clérigo Raphael Bluteau em seu dicionário *Vocabulário Português e Latino (1712-1721)*, os ofícios de curar estavam agrupados em dois seguimentos, as artes liberais e as artes mecânicas, situou os cirurgiões entre os mecânicos e os nobres, e os médicos letrados assumindo o privilégio de serem da arte maior, com o discurso oficial médico. Enquanto o médico avaliava o estado geral externo do paciente, cabia ao cirurgião manipular instrumentos onde realizava intervenções no corpo do doente, no contato com sangue e feridas. A tendência era relacionar o trabalho manual ao mundo da escravidão (Abreu 2011: 25).

¹³

Uma pessoa enferma na doutrina Hipocrática apresentava uma *Discrasia Humoral*, ou seja, uma desarmonia dos humores, o doente apresenta um humor excedente, alterado ou defeituoso em seu corpo. Galeno, no século II, d. C., ao revitalizar a teoria levou em consideração os temperamentos (sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico) em conformidade com os quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela, bile negra) (Rezende 2009: 52).

¹⁴ É possível perceber que todas as civilizações fizeram uso da sangria como método terapêutico, multifuncional em quase todas as doenças. Inicialmente foi impregnado de misticismo, mas, posteriormente, elaboraram-se doutrinas para justificar seu uso. Os séculos XVII e XVIII foi um período no qual a medicina fez abuso de sangrias, sobretudo, na França. O sarjador era utilizado para se fazer a sangria, era um aparelhinho francês, com vários fios de navalha, que apareciam e sumiam quando acionado um botão, e neste movimento os fios cortavam a pele. A seguir, aplicava-se a ventosa, e o sangue surgia dos cortes abertos pelas navalhas. Uma variante da sangria era a sanguessuga. (Rezende 2009: 138).

comunicar com o sobrenatural, enquanto amaldiçoavam “as rezadeiras [...] em suas operações curativas [...]” (Del Priore 2004: 92).

Essa medicina erudita que tentava interpretar os domínios do corpo, estava, pois, se afastando de compreender seu funcionamento interno, em sua totalidade anatômica, no diagnóstico de doenças se pautavam prioritariamente no esvaziamento do excesso e acúmulo de humor que a pessoa apresentava quando estava enferma, pois a *Teoria Humoral* se baseava em curar ou equilibrar perturbações entre os constituintes do corpo que são eles os quatro elementos ar, água, fogo e terra, com suas qualidades seco, frio, quente e úmido. A cura se baseava no tratamento por meio de uma dieta “que compreende os fatores ambientais, o sono, a alimentação, as condições de trabalho[...]” (Coelho 2002: 157). Embora a doutrina Hipocrática tenha concebido a doença como uma etiologia natural, desconheciam o conceito de nosologia, logo, para eles a doença era causada por desequilíbrios humorais do corpo.

Segundo Porter e Vigarello (2008: 443), “Não é aberrante fazer do “estado” do fluídos, indícios do “estado” do corpo”. Ou seja, a comparação da menstruação como excremento ou fluído venenoso, dado o mistério no interior dos corpos, levando em consideração que o diagnóstico pela observação inspecionava mais os líquidos do que os sólidos, levava a menstruação regular das mulheres a serem interpretadas como resultado de um desequilíbrio interno constante, onde curiosamente o mesmo sangue era provedor de vidas. O atraso da menstruação causava sintomas onde seria fácil confundi-la com uma doença, mais precisamente um transtorno mental¹⁵, pois quando as regras das mulheres da colônia tardavam, segundo Luís Gomes Ferreira¹⁶, após preparar um remédio para fazer vir a conjunção da moça, dado que estava com dores insuportáveis, e se desconhecia o que era cólica menstrual e reações hormonais, lhe dá a medicação e seu sangue desce, quando, por

¹⁵ O discurso médico e religioso construiu a imagem da mulher a partir de sua natureza, transformou-a em um ser moral e socialmente perigoso, sua fisiologia teria uma predisposição à doença mental. Segundo os enfoques psiquiátricos do corpo e da sexualidade femininos a mulher teria mais propensão em ser louca do que o homem, onde designa uma doença, derivada da relação entre loucura e menstruação, de *loucura menstrual*. (Del Priore 2004: 334-335). O termo *Loucura menstrual* pode ser encontrado na obra autora Ruth Harris chamada *Assassinato e loucura: medicina, leis e sociedade no fim do século*. Rio de Janeiro. Rocco. 1993.

¹⁶ As informações sobre a vida de Luís Gomes Ferreira são fornecidas por ele mesmo ao longo de seu livro. Foi natural da Vila de São Pedro de Rates, posteriormente, foi para Lisboa onde aprendeu a arte de cirurgião-barbeiro, completando sua formação no Hospital Real de Todos-os-Santos. Depois de ter exercido sua profissão na carreira da Índia partiu para o Brasil em 1707, a primeira vez que se instalou em Bahia, volta para Portugal e retorna novamente no ano seguinte. Erário Mineral foi resultado da experiência prática que Luís Gomes Ferreira reuniu realizando diversas curas em Minas Gerais. Os dois volumes da obra foram organizados pela historiadora Júnia Ferreira Furtado, sendo o volume I discussões de autores sobre a obra e vida de Gomes Ferreira, e o volume II a fonte documental do cirurgião, ou seja, seu manual de medicina organizado em tratados (Furtado 2002: 8).

fim, o cirurgião conclui que a moça retornou a ficar sã (Dias 2002: 90). Os sintomas da histeria¹⁷ imitam “comportamentos normais”, cuja característica se encaixaria perfeitamente nas reações dessas mulheres quando atrasava a conjunção, e esse desequilíbrio seria ocasionado pelo útero (Ramadam 1985: 46). O mau já era eminente pelo fator biológico e terminaria por acarretar, mais tarde, em doenças mentais.

O estudo do útero, sob o interesse da ciência médica, estava pautado em teses e superstições onde nele nascia o sangue secreto, o “sangue catamenial” (Del Priore 2004: 100), Luís Gomes Ferreira chegou a advertir, em seu manual de medicina, que algumas mulheres depravadas utilizavam de seu sangue menstrual para conseguir o amor de algum homem, ou mesmo, causando-lhes mau como tonturas e os deixando loucos, assegurando que o sangue era danoso (Del Priore 2002). O mesmo afirma o autor Aldersey-Williams (2016: 191) quando escreve que a mulher menstruada poderia sufocar bebês, como também causar enfraquecimento em homens, assim como, causaria danos ao mundo natural, como azedar vinhos.

É de suma importância destacar o papel obstinado do Tribunal do Santo Ofício como um dos obstáculos para a publicação de trabalhos e manuscritos de conhecimento científico na área da medicina, sua presença representou uma reação contrária ao caminho percorrido pelo restante da Europa, visto que perseguiram novos-cristão, judeus e mulheres consideradas bruxas, a obra Erário Mineral precisou ser apresentada ao Santo Ofício para esse fim. Para além disso, o domínio do ensino superior exercido pelos jesuítas também constituiu um empecilho para o avanço e transformação de pensamento acerca das novas descobertas médicas (Miranda 2017).

Eminentemente, a orientação e epistemologia aristotélica que regia a medicina de Portugal e, conseqüentemente, a região de Minas Gerais, se revelou como um obstáculo para a investigação do corpo, se isolando de estudos que já estavam sendo produzidos em outros territórios da Europa, cuja aplicabilidade empírica era mais substancial que a *Teoria Humoral* e seu método observatório (Abreu 2007: 150), como também a compreensão do corpo

¹⁷ A histeria, na segunda metade do século XVIII, passou a figurar uma doença mental, especial e exclusiva feminina, sendo a mulher identificada com o “mal histérico”, esse mal, por sua vez, seria provocado pelas manifestações do útero. Essa ideia não foi contestada por muitos médicos durante a Antiguidade, e, ulteriormente, no Século das Luzes a histeria seria incorporada ao universo da loucura. Esse transtorno contava com um vínculo de elementos, tais como, sensibilidade, emocionalidade, sentimentalismo, sexualidade, afetividade, num emaranhado que a cercava em todos os aspectos. A moléstia chamada histeria tinha sua sede que era o útero. (Del Priore 2004: 343).

feminino continuaria a ser conduzido sob discursos misóginos, diagnosticando-as pela sua própria natureza.

O processo que culminaria numa medicina teórica em conjunto com um método empírico precisaria contar com o trabalho e a curiosidade de diversos investigadores anatômicos de outras partes do Velho Mundo e no Novo Mundo, dentre eles seriam os cirurgiões estrangeiros que se instalariam nas colônias exercendo seus ofícios com mais liberdade, passando a compreender as engrenagens internas do corpo. Mas, para isso, seria necessário a mudança de uma mentalidade que relacionava o papel dos cirurgiões a práticas inferiores, menos necessárias que à da educação erudita, sendo que, não muito tempo depois, seus “ofícios mecânicos” seriam primordiais para a construção de um saber mais apurado sobre a anatomia humana (Pimenta 1998).

Seria necessário um desempenho por parte de médicos e humanistas na construção de um conhecimento científico que se afastasse dos conceitos hipocráticos, uma vez que, ocorreria uma transformação de ordem material e espiritual, lenta e gradual, dentro das academias, e esperava-se que ocorresse da mesma forma no interior das colônias, na mentalidade e no comportamento dos indivíduos do Novo Mundo. Todavia, a particularidade e a forma com que cada esfera de saber buscava conceber o mundo e os fenômenos que abarcavam o conhecimento sobre a saúde, dificilmente seriam ignorados, mas, muitas vezes, incorporados discretamente pelos discursos médicos (Miranda 2017).

1.1. Concepções médicas acerca da influência do útero na psique feminina em Erário Mineral

Ao analisar as características do discurso sobre a imagem da mulher e perceber que uma delas é sua absurda longevidade na história, que buscou obedecer tanto a uma visibilidade dentro de modelos médicos, psicológicos e filosóficos compartimentados, quanto a uma invisibilidade que a destituiu de seu papel enquanto sujeito construtor de memória individual e social, é que se incide uma maior atenção a esse corpo objetificado, onde Michel Foucault (1985) irá escrever que o sexo entrará em destaque para criar discursos de verdades e as práticas médicas contribuirão muito nesse aspecto.

A convicção sobre o senso de caráter e moralidade deturpada atávica da mente feminina não foi exclusivo do período do setecentos, ela perdurou, até onde se pode verificar nas fontes históricas, do século IV a.C. até por volta do XIX, período onde se produziu

inúmeros textos médicos, hoje tratados como fontes documentais escritas (Ferreira 2002: 444). A ideia de que as mulheres são volúveis, perigosas, de vontade fraca, demonstrando ser de uma natureza misteriosa e incontrolável pelo fato de menstruarem, vem desde a Antiguidade, visto que, o conceito acerca da fisiologia feminina começou a ser elaborado pelo médico grego Hipócrates (460 a. C). O comportamento, a sexualidade e o fenômeno da menstruação feminina passariam, a partir de então, por diversas compreensões históricas, por meio desse corpo perigoso, a medicina iria explicitar-se na construção da vida coletiva (Vieira 2002: 14). Dessa forma, é impossível não deixar de notar a obsessão com as mulheres por mais de dois mil anos, e essa fixação pela natureza feminina viria a se tornar um estágio refinado da patologização delas no século XIX (Del Priore 1993: 218).

O manual de medicina *Erário Mineral* (1735), escrito pelo cirurgião-barbeiro português Luís Gomes Ferreira, fornece relatos imprescindíveis acerca do cotidiano das mulheres em Minas Gerais, a partir deles é possível discutir sobre a menstruação feminina e sua relação com a loucura, o que leva a compreensão de vários aspectos do processo de construção da imagem da mulher durante o desenvolvimento de nossa civilização. O corpo feminino se tornou pauta para julgamentos sociais ao longo da história humana, esses assentados em superstições, em teorias formuladas por homens doutos, filósofos, anatomistas, como também pelo imaginário popular. Contou, também, com teorias e demonstrações científicas, no qual houve uma legitimação da ideia de que a loucura ocorreria, em muitos casos, na mulher, e o seu ciclo menstrual seria um fator primordial responsável por desencadear esse transtorno mental, fazendo da mulher um ser inferior ao homem por sua estrutura “natural” e natureza patológica de degeneração hereditária (Harris 1993: 218).

A medicina do século XVIII herdou a tradição médica da Antiguidade, que estava pautada na teoria dos “humores corpóreos”, uma vez que, esses determinariam “o temperamento e sua relação com a saúde e doença”. Esse discurso terapêutico foi elaborado por Hipócrates, no qual produziu diversos tratados que constituem o chamado *Corpus Hippocraticum* ou *Coleção hipocrática*. É seguro dizer que, de acordo com as historiografias mais recentes, posterior aos seus escritos, vários autores ao longo de 400 a 450 a. C. se apropriaram e acrescentaram suas considerações acerca da teoria, visto que, elas também podem ser encontradas na obra do conhecido médico grego Cláudio Galeno (129-199 d.C.) que teria as embebedado e acrescentado mais alguns aspectos à teoria (Martins, Silva & Mutarelli 2008: 9-10).

Destarte, o Modelo ou Teoria Humoral de Hipócrates (V a.C.) afirmava ser a doença decorrente do desequilíbrio ocasionado entre os quatro elementos, sendo esses bile, melancolia, sangue e fleuma (Coelho 2002: 156). Assim, embora a doutrina Hipocrática tenha concebido a doença como uma etiologia natural, desconheciam o conceito de nosologia e, logo, entendia-se que a doença era causada por desequilíbrios de fluídos internos do corpo, se devendo ao fato de que, ao avaliar os doentes, os médicos inspecionavam mais os líquidos do que os sólidos, retardando, assim, o conhecimento das estruturas e funcionamento interno corpo, que viria a ser permitido perscrutar já por volta do final do século XVIII e início do XIX. De fato, a obra de Andreas Vesalius *De Humani Corporis Fabrica* publicada em 1543 foi ousada demais por criticar nomes tão respeitados como o de Galeno, e Portugal, adepto às tradições clássicas, demorou a adequar-se aos novos moldes da ciência moderna. Contudo, esse foi o momento pelo qual a medicina começou a inovar-se, em conjunto com o estudo da fisiologia humana, posto que, até então os princípios tomistas empunhavam obstáculos epistemológicos ao desenvolvimento das ciências físicas, onde essa não poderia estar acima do estudo teológico (Abreu 2011: 19).

Ao abordar sobre a terapêutica que rege a ciência médica, percebe-se que o corpo feminino, desde o início, foi tratado como objeto da medicina, essa, por sua vez, com seu discurso incisivo, se apoderou de seu corpo, determinando os temas, reduzindo-a a um animal de laboratório cuja condição biológica a leva a ser medicada (Coelho 2002: 15). O que se sabe é que Hipócrates foi o primeiro a analisar o fenômeno da menstruação, e como na época não era possível examinar cadáveres humanos, ele imaginava que o útero era formado por “inúmeras subdivisões e saliências, e que o seu interior contivesse tentáculos e ventosas”. À vista disso, afirmações como essas contribuíram para teorias do achismo, tendo em evidência que se constituiria como alicerce para os padrões de normalidade científica pelos próximos séculos, portanto, o discurso legítimo sobre a identidade feminina (Carvalho & Falkenbach 2009).

Nesse ínterim, a menstruação feminina se adequa à Teoria dos Humores, mas como teria se dado essa relação? Como já mencionado no início dessa discussão, os médicos examinavam somente os líquidos corporais e, a partir deles, davam o diagnóstico, logo, a comparação da menstruação como excremento ou fluido venenoso é devido ao mistério no interior dos corpos, que só examinava os líquidos dos enfermos, delegando, nesse caso, à mulher, uma espécie de doença incurável que a acometia segundo. O sangue estando entre os quatro elementos, se constituía como um excremento e excesso de humor corporal, o que não

seria difícil para os médicos se convencerem de que o sangue menstrual se apresentava como um desequilíbrio exclusivo da mulher, visto que, esse mesmo sangue alterava os ânimos e espíritos do enfermo, sinais que afirmam ocorrer quando as mulheres reclamavam pela falta da menstruação. Assim, os discursos acabam por confirmam o aspecto psicológico na teoria humoral (Porter & Vigarello 2008).

O aspecto psicológico na teoria humoral foi acrescentado e abordado por Galeno, no qual afirma que os temperamentos determinariam as disposições e alterações de personalidades nas enfermas, levando, até hoje, a alcunha “temperamental” ser designada a uma pessoa que apresenta algum desequilíbrio de humor, uma denominação, principalmente, voltada para as mulheres (Martins, Silva & Mutarelli 2008).

O corpo feminino, nas sociedades em geral, enxergava o corpo da mulher como uma fonte séria de poluição, onde homens desenvolveram procedimentos necessários para sua purificação. Segundo a historiadora Ana Maria Colling (2015), para Aristóteles (385-323, a.C.) “o primeiro desvio é o nascimento de uma fêmea”, e, em suas declarações, ele define diversas características do corpo feminino, delegando-o à inferioridade, numa analogia aos corpos masculinos (Colling 2015: 186). Seus corpos, eram, então, vistos como uma enorme esponja macia que absorve o sangue menstrual, e se esse sangue não for usado para a reprodução, poderia causar problemas gravíssimos a elas (Laskaris 2002: 184). No tratado de Hipócrates chamado *A Doença das Virgens*, ele já descrevia as alterações de comportamento, “alucinações e os delírios resultantes da retenção de fluxo menstrual, os mesmos relatados por Platão, Aristóteles e Plínio” (Valadares et al. 2006: 120).

Em um período ambientado misoginia, o discurso médico assume uma posição estratégica, a medicina e psiquiatria do oitocentos viria a absorver essas teorias, culminando na adequação de um quadro mental em que a mulher seria diagnosticada com inclinação para o mal, como também avaliaram como uma doença ou transtorno exclusivo da mulher, por sua própria natureza corruptiva que era advinda do útero (Harris 1993).

Nas experiências do cirurgião português Luís Gomes Ferreira (2002), em sua obra *Erário Mineral (1735)*, Ferreira admite ter presenciado na colônia um homem que ficou sem juízo após ter experimentado do sangue mensal de uma mulher. Provavelmente uma coincidência muito pontual, porém bem conveniente para descrever os danos terríveis que se fazem a menstruação. O comportamento das mulheres quando não lhe vinham a conjunção

era, muitas vezes, associado à histeria¹⁸, uma vez que o sangue menstrual acaba por assumir o protagonismo sobre diversas moléstias, o fluido poderia causar doenças tanto nela quanto em quem entrasse em contato com seu excremento venenoso. Elucida-se uma leitura religiosa, em que a medicina se ampara, ao visualizar seu corpo como um veículo que incorpora o mau, senão, é o próprio mau, e é a intermediária da histeria (Bollas 2000).

Nas colônias mineiras do Brasil no setecentos, obviamente, cabe ressaltar que os diagnósticos médicos, embora destinados às mulheres em geral, havia, notadamente, a leitura feita para as mulheres caucasianas, como por exemplo, das camadas mais elevadas e também as mais pobres e havia a leitura feita às mulheres negras escravas. À essas últimas, cabia um discurso de cunho mais severo e desumanizador, sujeitas a exploração sexual, cujo empecilho relacionado a sua raça/cor as delimitavam e as condicionam à luxúria e impudicícia. Destarte, nos relatos do cirurgião português Luís Gomes Ferreira (2002), segundo Dias (2002) percebe-se que tanto as mulheres caucasianas, mulatas, como as mulheres negras são diagnosticadas com insanidade pela falta da conjunção, pois essa determinaria seu equilíbrio físico, impedindo-as de desenvolverem a histeria. Assim sendo, construiu-se uma “especificidade da condição feminina diante da loucura”. A estrutura física e mental da mulher, no entendimento lusitano estava intrinsecamente entrelaçado, pois seu corpo frágil sendo delicado seria mais facilmente atravessado pelas doenças, oposto ao do corpo masculino (Del Priore 2004: 340).

Gomes Ferreira em seu tratado “se o sangue menstrual é venenoso e que danos faz”, afirma que viu um homem ficar louco e sem juízo após comer do sangue mensal de uma mulher, e, logo depois, veio a falecer (Ferreira 2002: 688). A crença de que a mulher tinha uma moral desviada é devido ao funcionamento particular de seu corpo, esse poderia apresentar manifestações de seu gênero, com consequências que poderiam levá-las a fazerem mal aos homens, mesmo matá-los intencionalmente (Del Priore 1993).

A mulher, com moral desvirtuada, agiria sem nenhuma obrigação ou sentimento de culpa frente as “regras” que regiam a sociedade, e em Minas Gerais, onde o saber de senso comum auxiliava na explicação de diversos fenômenos, o saber coletivo, construído ao longo

¹⁸As manifestações da histeria são múltiplas, de modo que seus sintomas podem ser observados na maioria das enfermidades, tais como febre, dores, sensações estranhas, espasmos, incapacidades funcionais, exacerbação das funções, uma vez que essa doença foi chamada de “a grande imitadora”. Por muito tempo a histeria foi considerada um padecimento exclusivo das mulheres, onde o seu nome de origem derivaria de *hystera* (em grego) =útero, matriz (Ramadam 1985: 5-6).

dos séculos, contribuiu com sua bagagem empírica acerca do comportamento das mulheres, onde entraria em discussão a histeria feminina e a sexualidade delas (Cunha 2010). Segundo o historiador e filósofo Michel Foucault (1972) a loucura é como um personagem ou um conceito que muda conforme o contexto e sua época, e, no caso do século XVIII, ela assumiria como uma força insana, muitas vezes, provida da desrazão feminina, onde a mulher se sentiria inferiorizada em relação ao homem, uma vez que, a ciência médica teria delegado a esse corpo tantos desastres biológicos decorrentes de sua natureza.

O português Brás Luís de Abreu, conhecido médico e funcionário da inquisição do século XVIII, afirmava poder rastrear a ação das mulheres com moral desviada, as conhecidas feiticeiras, uma vez que, ele dizia ter conhecimento sobre os tratados demonológicos. Em sua obra *Portugal Médico (1726)*, ele chama a atenção para as curadoras ilegais, na qual chama de mezinheiras e benzedoras, afirmando que esses indivíduos provocavam mal via doença de feitiço, para ele eram médicas da Universidade do Inferno cujo ofício era matar e destruir a todos (Nogueira 2012).

É importante perceber, então, que a relação entre loucura e crime, atrelados a natureza da mulher, estava caminhando paulatinamente, e iria atingir um importante momento no período do oitocentos, quando os psiquiatras passam a diagnosticar as mulheres com mentes criminosas (Harris 1993).

1.2. Quando o útero ficou histórico: contextos e continuidades

A análise entre crime e loucura associado à mulher deve começar pelo aparecimento da chamada Histeria, essa já mencionada na discussão, e não é fato inédito e sem propósito que ela aparece nas fontes documentais do setecentos e oitocentos, visto que ela começou a ser documentada desde o século IV a. C. Desde a Antiguidade “a origem da doença é atribuída ao útero, que também lhe empresta seu nome (hystera, “útero” em grego). Daí concluímos que ela é, desde o começo, atrelada à condição feminina” como também foi estudada apenas por homens. Assim, esses dois fatos serão primordiais para a classificação e tratamento da histeria nos próximos dois mil anos (Cavalcante 2017).

Segundo a Historiadora Mary Del Priore (2004) os médicos do setecentos se apropriaram das concepções dos doutores clássicos retomando suas teorias acerca do útero feminino e sua curiosa independência, ou seja, o útero da mulher é considerado um animal

com vontades próprias, tendo a capacidade de se deslocar dentro do corpo da mulher, causando sintomas histéricos nela como desmaios, catalepsia e falta de ar. A mulher seria ordenada pela genitália, se tornando um monstro e uma eterna enferma, vítima de melancolias e de males maiores como a histeria e a ninfomania.

Nisto, a menstruação é a chave para muitas de suas respostas, pois, ela seria responsável por equilibrar físico e psicologicamente a mulher, livrando-a desses terríveis e contínuos acidentes (Silva 2019), bem como, o homem seria sua causa eficiente, pois ocuparia um lugar essencial na saúde da mulher, uma vez que, por meio dele, haveria a procriação (Del Priore 2004: 84). Para além disso, a sexualidade feminina é discutida quando se trata da histeria, desde a Roma Antiga Galeno (129-199 d.C.) relatou em de seus tratados que a histeria se manifestava entre mulheres que passavam por abstinência sexual, ou seja, a falta do sexo acumularia o “esperma feminino” envenenando o corpo feminino, o que ocasiona o desequilíbrio dos humores. Na Idade média a histérica passa a ser vista como uma mulher dominada pelo demônio, justificativa suficiente para designá-las, muitas vezes, como bruxas, praticando exorcismos para livrá-las desse mal, como também, às sentenciando a morte na fogueira (Cavalcante 2017).

No século XVII há uma retomada da discussão e a histeria é explicada pela ocorrência de vapores que circulam dentro do corpo (Martins, Silva & Mutarelli 2008). Se antes acreditavam que esses vapores passavam pela circulação sanguínea, agora acreditavam ser pelos nervos, e eles iriam influenciar na fermentação do esperma feminino, liberando vapores histéricos. Mas, curiosamente, somente os vapores femininos chegariam ao cérebro explicando a incidência mais em mulheres do que em homens. Portanto, o útero ganha a sua exclusividade como causador da doença, trazendo, a partir do momento, o cérebro para a discussão (Cavalcante 2017).

Quando o assunto chega no século XVIII, a origem das “doenças dos nervos” se volta para o cérebro, quaisquer que fossem as reações ou manifestações excessivas fora do “normal” e da moral, eram considerado histeria. Para detectar uma mulher histérica bastava conferir alguns comportamentos e atitudes desviantes, que iam desde não se ajustar a imagem ideal de mãe, ser aplicada assiduamente aos estudos e não aos filhos, alucinações, sensibilidade nos sentidos, enfraquecimento da atenção, indiscreto fundo erótico em suas falas, profunda perversão na afetividade, entre outros muitos sintomas (Del Priore 2004: 328). Muitas

mulheres foram, assim, diagnosticadas como histéricas por atitudes que eram condizentes com o modelo criado pelos médicos para descrever uma pessoa sob essa influência dos vapores.

Referências

ABREU, J. L. N. A. 2011. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

ABREU, J. L. N. A. 2007. “Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII”. *REVISTA DA SBHC*, 5(2): 149-172.

ALDERSEY-WILLIAMS, H. 2016. *Anatomias: uma história cultural do corpo humano*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Record.

ANDRADE, T. N. de. 2017. “Relações entre astrologia e magia na idade média”. *Temporalidades – Revista de História*, 9(3): 333-347.

BOLLAS, C. 2000. *Hysteria*. Tradução de Monica Seincman. São Paulo: Escuta.

CAIRUS, H. 1999. “Da natureza do homem Corpus hippocraticum”. *História, ciências, saúde-Manguinhos*, 6(2): 395-430, 1999. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701999000300009&script=sci_arttext>.

Acesso em: 28 de Dez. 2020.

CARVALHO, F. & FALKENBACH, A. P. 2008. “O histórico da menstruação e sua relação com a saúde da mulher”. *Revista Digital*, 14(135). Disponível em:<<https://www.efdeportes.com/efd135/menstruacao-e-saude-da-mulher.htm>>. Acesso em: 2 de Jun. 2020.

CAVALCANTE, T. J. P. D. 2017. “Histeria: da antiguidade ao século XIX”. *EPP*. Disponível em:< <https://www.apsicanalise.com/index.php/blog-psicanalise/48-artigos/593-histeria-da-antiguidade-ao-seculo-xix>> Acesso em: 14 de Jun. 2020.

COELHO, R. S. 2002. “O Erário Mineral divertido e curioso: a arte de curar”. In: FURTADO, J. F. (org.), *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais/Oswaldo Cruz.

COLLING, A. M. 2015. “A construção histórica do corpo feminino”. *Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG*, 28(2). Disponível em:<www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view> Acesso em: 8 de Jul. 2020.

CUNHA, L. de L. 2010. *Erário Mineral: práticas curativas no Brasil do século XVIII*.

DARNTON, R. 2011 *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Edições Graal.

DEL PRIORE, M. 1993. *Ao sul do corpo: condições femininas, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Brasília/Rio de Janeiro: EdUnB/José Olímpio.

DEL PRIORE, Mary (org.). 2004. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

DIAS, M. O. L. da S. 2002. “Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento -1710-1733”. In: FURTADO, J. F. (org.), *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais/Oswaldo Cruz.

FAGUNDES, F. R. R. 2017. “As práticas de cura africana, que viajaram nas redes de informações do império ultramarino português: final do século XVIII e início do XIX (não publicado).

FIGUEIRÊDO, F. F. de. 2014. “As fortunas eruditas e populares do *Lunário Perpétuo*”. *Imburana – Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN*, 9. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/download/6257/4934/>>.

FOUCAULT, M. 1972. *História da loucura*. São Paulo: Editora Perspectiva.

FOUCAULT, M. 1985. *História da sexualidade: III o cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FURTADO, J. F. 2002. “Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens”. In: FURTADO, J. F. (org.), *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais/Oswaldo Cruz.

HARRIS, R. 1993 *Assassinato e loucura: medicina, leis e sociedade no fim do século*. Rio de Janeiro: Rocco.

LABARGE, M. W. 1996. *La mujer en la Edad Media*. Madri: NEREA.

LASKARIS, J. 2002. “Error, loss, and chance in the generation of therapies”. In: JOHN, S., PHILIP, J., Van Der EIJK, Ann & HANSON, N. S. (eds.), *Hippocrates in context*, vol. 31. Leiden/Boston: Brill. Disponível em: <<https://bok.lat/book/974463/69185d?regionChanged=&redirect=7809549>>. Acesso em: 29 jul. 2020

LEITE, B. M. B. 2011. *Medicina de Padre: Estudo sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial* (não publicado).

MARTINS, L. Al-C.P., SILVA, P.J.C. & MUTARELLI, S.R.K.2008. “A teoria dos temperamentos: do corpus hippocraticum ao século XIX”. *Memorandum*, 14: 9-24. Disponível em :<<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/martisilmuta01.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MIRANDA, C. A. C. 2017. *A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura*. Recife: Editora UFPE, 3ª Ed.

MEDEIROS, A. da S. 2015. “Notas sobre a produção, a circulação e a leitura do Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez entre Portugal e o Brasil”. *Revista Portuguesa de História*, 46. Disponível em:<<https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38188/1/Notas%20sobre%20a%20producao%20a%20circulacao%20e%20a%20leitura.pdf>>. Acesso em: 4 de Jan. 2021.

MEDEIROS, A. da S. 2015. *Os remédios, os livros e os tempos: consumo de remédios e experiência do tempo entre o lunário perpétuo e o dicionário do Dr. Chernoviz*. Tese de Doutorado em História. Centro de Humanidades. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará.

NOGUEIRA, A. L. L. 2012. “Doenças de feitiço as Minas setecentistas e o imaginário das doenças”. *VARIA HISTORIA*, 28(47): 259-278. Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/vh/v28n47/12.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2020.

PIMENTA, T. S. 1998 “Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)”. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, 5(2): 349-374. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 Jan. 2021.

PORTER, R. & VIGARELLO, G. 2008. “Corpo, saúde e doenças”. In: CORBIN, A., COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. (orgs.), *História do Corpo: Da Renascença às Luzes – Vol I*. Petrópolis: Editora Vozes.

RAMADAM, Z. B. A. 1985. *A histeria*. São Paulo: Editora Ática (Série Princípios).

REZENDE, J. M. de. 2009. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. [online]. São Paulo: Editora Unifesp. Disponível em:<https://books.google.com.br/books?id=hJwnBgAAQBAJ&pg=PA52&lpg=PA52&dq=o+que+%C3%A9+discrasia+humoral&source=bl&ots=VnFO7sDcF0&sig=ACfU3U2dCn6Tu5mncAtc215f74h6PrfEg&hl=ptBR&sa=X&ved=2ahUKEwjct_BrIPoAhVxFLkGHUqJAuwQ6AEwCXoECAyQAQ#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20discrasia%20humoral&f=false>. Acesso em: 29 jul. 2020.

SÁ, I. dos G. 1996. “Os Hospitais portugueses entre a assistência medieval e a intensificação dos cuidados médicos no período moderno”. In: *Congresso Comemorativo do V centenário da Fundação do Hospital Real do Espírito Santo de Évora*. Évora: Hospital do Espírito Santo.

SILVA, G. L. S. de O. C. 2019. “O saber médico e o corpo das mulheres no brasil colonial: a tradição médica da metrópole na capitania de paraíba”. *Iberoamericana*, XIX. Disponível:<<https://journals.iai.spkberlin.de/index.php/iberoamericana/article/view/2453>>. Acesso em: 29 jul. 2020.

VALADARES, G. C. et al. 2006. “Transtorno disfórico pré-menstrual revisão: conceito, história, epidemiologia e etiologia”. *Rev. Psiquiatr. Clín.*, 33(3): 117-123. Disponível:<<http://www.scielo.br/scielo.php?>> Acesso em: 29 jul. 2020.

VIEIRA, E. M. 2002 *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.